

“Barreada” na Praia da Longa/ Sábado, 8 de julho de 2006

Mario Wiedemann

A “ barreada”, assim chamada pela população da praia da Longa, é a etapa final de construção de uma casa e consiste na colocação do barro na estrutura já armada da casa(Estuque).Tarefa esta que foi realizada num tipo de mutirão , a Pedido do Mauro, um Veranista, que desde sua chegada e aquisição de uma casa com terreno no canto esquerdo da Praia, procura e compra artigos que para ele contam uma história da Praia da Longa . Tachos, redes, remos, canoas, âncoras e muitos outros. Procura saber também, ao que tudo indica, tomar conhecimento de algumas práticas locais e contrata , mediante pagamento, essas pessoas. Por exemplo: O “ bamba” (arte com conchas) feito pelo Messias, as gaiolas em bambu, feitas pelo Osmar, as “ cerquinhas “ de bambu feitas pelo Moisés, pelo Valdemar , Fifi e Romualdo e neste caso uma casa de Estuque

Já vínhamos acompanhando a construção desta “ casinha” e fomos convidados a participar deste evento. Na semana anterior da Barreada, estávamos em campo e pudemos perceber que dois fatores iriam definir o dia : O tempo, que precisava ser de sol antes e depois da colocação do barro e nossa disponibilidade para participar e registrar o evento. Trocamos nossos contatos para obter confirmação, mas a princípio ficou marcado para o dia 8 de julho, um Sábado.

Além desta, outras coisas realizadas na Longa são feitas em mutirão. Carregar tijolos, Sacos de areia, cortar a grama do campo de futebol e outras. Uma condição, é que depois do trabalho a pessoa ou o grupo que está sendo ajudado promove uma festa como sinal de agradecimento, com comida e preferencialmente bebida.

Esta seria uma definição formal de uma idéia que neste caso da Longa ganha outros sentidos. Para cada um deles que Participou deste mutirão: Zélio, Fifi, Romualdo, Ditinho, Tonoca, Moisés e Messias e Eduardo(é bolsista de uma pesquisa realizada na Praia do Provetá sob orientação da Prof. Patrícia Birmam , também na Ilha grande e foi convidado também à participar), este trabalho tem um significado diferente. Seu Messias é caseiro do seu Mauro e foi quem intermediou

a contratação, mediante pagamento, de Seu Fifi, Romualdo e Moisés. Zélio, Tonoca e Ditinho foram convidados para o mutirão sem pagamento, com a garantia de que participariam de um churrasco ao final dos trabalhos. Vale destacar que estes três últimos participaram somente desta etapa final, a colocação do barro. A fundação de cimento, a colocação dos pilares de sustentação de peroba rosa e parede de bambu trançado e o telhado de sapé já haviam sido feitos pelo Romualdo, Fifi, Moisés e Messias. Seu Fifi ficou responsável pela confecção do telhado de sapê. O Bambu foi retirado da costeira da Praia, a peroba rosa, comprada com Seu Valdemar da estrutura do telhado da antiga “fábrica de sardinha”. A fábrica foi demolida e o material que poderia ser aproveitado, foi guardado e eventualmente é vendido pelo Seu Valdemar, com a autorização da Fumiko, proprietária do material.

Para este dia, Moisés já tinha trazido o barro que iria compor as paredes laterais da casa. As paredes da frente e de trás da casa, pela parte de fora, foram feitas com um barro mais claro (tabatinga), o “luminoso”, nas palavras de Tonoca que no início dos trabalhos Moisés trouxe em algumas viagens, carregado nas costas. O trabalho consiste em colocar água no barro, pisar para misturar e aplicar na parede com as mãos. A parte de dentro e de fora devem ser feitas simultaneamente onde juntos, uma pessoa do lado de dentro e outra do lado de fora se auxiliam na composição e preenchimento com barro. Não há tarefas definidas. O que há é alternância de funções, ajuda mútua e atitude. Não há explicitamente, alguém que coordene as tarefas. É como se todos de alguma maneira, mais para uns menos para outros, conhecessem o trabalho que iriam fazer. Por exemplo: Romualdo vai pegar o barro para entregar para seu Fifi que está na parte de fora da casa colocando barro junto com o Zélio, que está na parte de dentro e verifica que o barro está acabando. Não há uma pessoa para fazer a mistura. Ele imediatamente pega a enchada e puxa a terra, alguém já está com a mangueira na mão pronto a colocar a água, outros junto com ele começam a pisar a mistura que num estante está pronta. E a atividade de aplicação reinicia com as posições modificadas.

O trabalho todo foi feito em mais ou menos 4 horas , num dia de sol e céu azul em ritmo de brincadeira. Como o evento também foi filmado e fotografado as brincadeiras , inclusive comigo, eram constantes. Um brincava com o outro , outros pediam para serem fotografados, outros faziam graça.

Seu Fifi e Seu Romualdo faziam seus trabalhos mais em silêncio, mostravam que tinham mais experiência e demonstravam mais intimidade com o trabalho. Ditinho, Tonoca eram os mais falantes, Zélio e Moisés, mais calados a seu jeito, respondiam as brincadeiras, Eduardo era um tipo de aprendiz e até pegar o jeito jogou barro na cara de alguns deles Eu fiquei circulando entre eles fazendo o registro e pude participar por alguns minutos de algumas etapas.

“ O cara quando tem dinheiro, é rico, tem cada idéia, que não dá pra entender. Enquanto o pobre quer limpar, o rico quer manter a sujeira.” Tonoca estava se referindo a uma Pedra que estava no piso da casa, que Seu mauro falou para deixá-la onde estava. Tonoca dizia: “ deixa que vai ser o travesseiro do homem”. Apesar da disponibilidade atual de materiais como cimento, telha, tijolo, lajota e outros, que vem de Angra dos Reis, Mauro utiliza materiais e técnicas que para Tonoca, estão referidas e localizadas num tempo passado, no tempo do sertão e da roça , quando eram utilizados outros tipos de elementos (recurso) para a construção: os extraídos ou cultivados na “ natureza” .

Tonoca também utiliza os materiais vindos do continente em sua casa e não tem vergonha de Ter morado numa casa de estuque, como demonstrou num diálogo com o irmão da Odília em que disse: “ Você tem vergonha de ter morado numa casa assim ? Eu já morei!”. “eu também “ ,disseram os outros. A maioria dos que participaram do mutirão são de uma geração que morava e já até haviam construído outra casa deste tipo, mas atualmente, a casa deles é de tijolo, cimento e telhas de amianto.

Existe aí , uma diferenciação na lógica de sentido e valores entre o nativo, morador e o turista veranista. O que é para um tipo de turista que valoriza a história e tradição da cultura local sobre valores estéticos próprios , para outros, moradores, sob aspectos diferentes é exercício de uma antiga prática que está ligada ao passado, ao “sertão” e hoje é ressignificada novamente por influência de

elementos externos. A atualização de uma prática, no entanto, não implica em sua repetição, pelo contrário, é o campo de experimentação deste saber, para este ou para outro objetivo.

Essas Ações intuitivas , planejadas e aperfeiçoadas a todo tempo, parecem ser o campo de experimentação de nossas óticas. Da maneira como lemos o mundo e as coisas. A utilização das coisas, requer no entanto um exercício anterior que é a observação. A observação , junto com seu conjunto de referências, vão gerar os primeiros processos de experimentação do que pode ser chamado agora de “ recurso” . Utilizado ou não naquele momento , este recurso passa a estar “ disponível” para ser utilizado num outro momento. Passa a fazer parte de seu conjunto de referências .

O diferente significado que este evento, a “ Barreada” ,tem para a um tipo específico de Veranista, como Mauro e para este grupo também heterogêneo de moradores, mostra-se ainda mais claro quando pensamos que esta antiga prática, referida neste tempo passado, o “ sertão” , pode ser praticada agora sobre um contexto diferente, com outros objetivos.

Perguntei ao Seu Messias com que finalidade seria utilizado a “ casinha” . Ele me disse que Seu Mauro, queria fazer um “ depósito dessas coisas velhas que ele acha por aí ”. Ao que me parece ele estava falando de um tipo de museu. visto que na parede da frente da casa seria colocado uma espécie de janela de vidro para que ficasse exposta a estrutura interna de bambu. Seu Messias , no final de semana anterior, fez uma “ visita guiada” pelo quintal da casa do Mauro apresentando a mim e a Roberta Zanatta os objetos achados. Disse que algumas idéias tinham sido dele. Como disse Messias, outros artigos guardados pelo Mauro na garagem, seriam colocados neste “ depósito”. Messias as considera “coisas velhas” , porque são objetos não mais são utilizados. Inclusive por ele. Objetos que fizeram sentido num outro momento, para uma outra pessoa, mas que foram substituídos ou aprimorados. Artigos relacionados a pesca, como redes, cercados, remos, canoas, lampiões, âncoras e outros que hoje são “ guardados” pelo Mauro.

Após a barreada , Seu Messias preparou um churrasco, bebemos cerveja e nó de cachorro, nome dado a uma mistura de cachaça com uma casca de árvore, preparada pelo Mauro. A bebida já tinha fama de ser forte e realmente demonstrou sua força.

Uma outra observação que faço, é que apesar do convite Ter sido feito a nós todos da Equipe de pesquisa, contingências particulares impossibilitaram a ida da Rosane e da Roberta , o que a meu ver foi bom pois possibilitou uma maior abertura durante as atividades. A “ Barreada “ foi um momento de sociabilidade masculina e a presença de mulheres poderia inibir as falas e as brincadeiras que permearam os trabalhos e que são para nós ,antropólogos, um momento de rica expressão de nossas percepções.

É possível observar na Longa e nas pessoas do local outros elementos que as ligam a este universo do “ sertão”. Agora resignificado o “ sertão” ganha desta forma outra dimensão de existência. A Longa é um local onde diversas trajetórias de vida se encontram e continuam se encontrando e têm parte de suas referências neste lugar. A paisagem da longa também apresenta na encosta da montanha, indicações deste tempo O local da roça pode ser visto ainda hoje, morro acima.

Esta prática, o mutirão, e esta antiga técnica de construção de casa são partes do que se pode considerar como saber local e estão em constante processo de modificação e adaptação a novas práticas e visões – como ocorre também em outras comunidades da Ilha Grande, igualmente expostas a uma intensificação do contato com a sociedade abrangente, sobretudo em razão do crescimento do turismo na Ilha na última década. A barreada é vista aqui como uma das formas de expressão desse contexto de mudança, e se interpretada da perspectiva de rituais, mostra os significados e questões sobre a vida local .

Este Trabalho vai compor o conjunto de reflexões e textos produzidos para a monografia de graduação.

Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik.

2000 - O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa.

GEERTZ, Clifford. 1998 – ‘Do ponto de vista dos nativos’: a natureza do conhecimento antropológico. In _____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes.

DIEGUES, Antonio Carlos 1998 - *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec.

LITTLE, Paul E. 2002 - Etnoecologia e direito dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. In SOUZA LIMA, Antonio Carlos e BARROSO-HOFFMANN, Maria (orgs.), *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: bases para uma nova política indigenista*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED.

SAHLINS, Marshall 1992 - *Cosmologias do capitalismo*. Religião e Sociedade v. 16, n. 1/2. Rio de Janeiro: ISER.

CASTRO, E. V.

O Nativo Relativo. Revista Mana 3/2 (Estudos de antropologia Social), abril/2002. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ/Ed. Contracapa, 2002

ELIAS, N e L. SCOTSON, J.

2000 - Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

PRADO, M. R.

2000 - Depois que entrou o Imbamba: Percepção de questões ambientais na Ilha Grande.

XXII Reunião Brasileira de Antropologia

2002 - Quem entende do paraíso: Estudo sobre percepção e políticas ambientais num contexto de unidades de conservação. Gramado: XXIII Reunião Brasileira de Antropologia, mimeo.

2003 - Tensão no paraíso: Aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande. *Caderno Virtual do Turismo nº 7*. Rio de Janeiro: Instituto Virtual do Turismo/COPPE/UFRJ

Crentes na Ilha Grande: Uma forma de ser nativo. Religião e Espaço público.
Coleção de Antropologia movimentos religiosos do mundo contemporâneo. Org.
Patrícia Birmam